

# Informa-Sión<sup>3º ano</sup>

Boletim Informativo dos Religiosos de Sion de Paris

« Os Superiores Gerais que nos antecederam sempre valorizaram e fizeram muito para que os estudos fossem algo muito importante em nossas comunidades. Isso está sendo continuado.»

(Pe. Béo)

« Não há nada no ensinamento da Tradição de Israel sobre a Shekinah e sobre o Templo que não possa ser recebido na fé e na vida cristãs.»

(Ir. Pierre Lenhardt)

## Súmario

Écos sionienses .....p. 2

\* Nossa Caminhada – Pe. Béo, Superior Geral

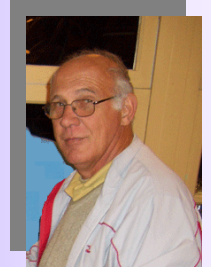
Dossiê.....p. 3-6

\* As raízes judaicas da fé cristã – Ir. Pierre Lenhardt

Março - Abril  
Nº 19 - 2007

## Editorial

*Março e Abril : quaresma, semana santa e Páscoa. Quantas dimensões da vida foram celebradas nestes dias: conversão, revisões de vida, morte histórica e ressurreição: alegria de sentir que o Senhor está vitorioso em nosso meio, e alimentando nossa esperança.*



*Está em nosso meio: é o que nos recorda o texto-entrevista de Pierre com toda a redescoberta destas presenças especiais da glória = Shekinah do Senhor: no arbusto que arde e não se consome, na arca, no Templo, no povo, na história, na nossa história. A glória do Senhor ressuscitado, a nossa glória. A identificação da Shekinah com a presença de Jesus, que ressuscitado permanece sempre no meio de nós.*

*Esta presença é esperança e segurança, mesmo se precisa-se passar antes pela paixão e morte: as informações que nos dá o texto do Superior geral nos mostram uma Congregação que acredita, que caminha com Maria, sentindo suas pequenez, mas motivada pela esperança e pela fé da Ressurreição.*

*Boa leitura à todos,*

*P. Ilario Mazzarolo, nds*

## Nossa caminhada

Caros Leitores(as) do Informa-Sion:

Faz 10 meses que terminamos nosso 24º Capítulo Geral da Congregação de Sion. Nesses 10 meses podemos dizer que muita coisa boa aconteceu. É certo que algumas dificuldades também nos acompanharam.



Estou convicto que foi possível dar um passo a mais, ou seja, continuar os trabalhos dos nossos antecessores, superiores gerais, religiosos e de alguns benfeitores. É certo ainda que temos algumas dificuldades próprias de um grupo que começa a se renovar com muita boa vontade e com alguns atropelos, mas eu quero imaginar, ou melhor tenho certeza, que estão procurando o bem comum e não o bem próprio.

Às vezes nessa procura, temos um pouco de pressa ou julgamos que alguns estão andando muito lentamente. Nem sempre conseguimos ver outros aspectos importantes nessa caminhada, como por exemplo, o crescimento espiritual de cada um, a história já vivida por muitos, o respeito pela lentidão ou pressa do outro ou o método que cada um usa para que possamos ser mais visíveis na Igreja. Para um ou outro é possível que falte visão do objetivo da Congregação de Sion na Igreja.

Todavia essas dificuldades não têm sido suficiente para superar ou separar nossas comunidades, pelo contrário, essas comunidades têm mostrado um grande desejo de crescer.

É sobre esse crescimento que eu gostaria de fazer algumas anotações.

Os Superiores Gerais que nos antecederam sempre valorizaram e fizeram muito para que os estudos fossem algo muito importante em nossas comunidades. Isso está sendo continuado. Temos casas na França e em Israel que priorizam nossos estudos específicos. No Brasil constatamos que muitos estudantes de teologia e mesmo de filosofia se voltam cada vez mais para temas que são próprios de nossa finalidade específica sem abandonar os aspectos pastorais que a situação exige. Alguns têm mestrado nesta mesma linha, graças ao incentivo de religiosos que há tempo militam nesta área e graças ainda ao ambiente que as casas de Jerusalém e França proporcionam. Temos vários religiosos que dão cursos bíblicos em paróquias, colégios, nas faculdades em vários estados do Brasil. Vejo com satisfação que, com dificuldades ou não, nossos religiosos se unem na medida do possível, neste trabalho mais que incipiente, de nossa Congregação apoiando-se muitas vezes em nossa biblioteca especializada deixada e ampliada por religiosos que se foram e por outros que estão conosco neste trabalho de Igreja.

Graças aos esforços de muitos, nos anos anteriores, nosso Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ) está funcionando e com validade para mestrado junto à Faculdade Nossa Senhora Assunção. É uma grande conquista e esperamos que desenvolva cada vez mais!

Houve ainda algumas mudanças de funções, deixando para os mais jovens o encargo da formação religiosa e o acompanhamento intelectual nas faculdades. Algumas nomeações de párocos e vigários também foram feitas. Assumimos uma paróquia como Congregação e temos a intenção de começar outros serviços pastorais no nordeste do país, visando um trabalho de promoção vocacional cada vez mais eficiente.

Por sugestão do Capítulo Geral começamos a formar algumas equipes como: a de formação, integrada por seis religiosos, sete com o superior geral. Estamos ainda encaminhando a formação da equipe de teologia com temas próprios de Sion e da vida religiosa em geral. Os encarregados da administração de bens da Congregação começam a realizar vários planos apesar das dificuldades econômicas. A Congregação assumiu outra escola em S. Paulo, pretende construir outras fontes de renda; adquirir um local melhor para nossos Centros de Estudos; vender algumas propriedades para desenvolver outra atividade de modo imediato e que corresponda às nossas necessidades e finalidades, principalmente em Centros de Estudos tanto em Israel, como no Brasil e talvez na Espanha, se Deus assim o permitir.

Sabemos que ainda falta muito para realizar, porém mais do que realizar o importante ainda é saber que falta, não perder o juízo crítico e ter estímulos para continuar a implementar o que falta. Sei por exemplo, que desejamos trabalhar com as irmãs de Sion que têm a mesma finalidade nossa. Como fazer para refletirmos juntos aos menos nosso fim específico, nossa linha de formação, nossa pastoral vocacional etc, para que saíamos da área do saber e chegar ao "como" fazer?

Como disse no começo temos dificuldades, às vezes pessoais, às vezes estruturais, mas nem por isso deixamos de caminhar, e... juntos.

Nossa Senhora de Sion não é apenas um nome para mim. É um exemplo possível de um modo de viver: como alguém que se alegra com Quem tem, que sofre com Ele, que enfrenta as dificuldades pessoais e financeiras que todos temos e que sem muito aparecer desempenha sua função.

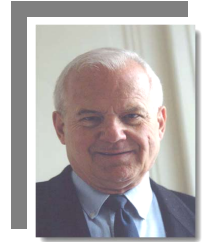
Para os leitores e leitoras do Informa Sion o meu abraço silencioso.

Pe. Béó – Superior Geral  
São Paulo, 13 de Abril de 2007

## Raizes judaicas da fé cristã<sup>1</sup>

O Ir. Pierre Lenhardt, da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, antigo Diretor do Centro de Estudos Judaicos, em Jerusalém, chamado Centro Ratisbonne, se dispôs a responder às perguntas de Yerushalaim sobre um dos pontos importantes que foram problema entre Judeus e Cristãos.

*Trata-se da Presença divina na história do Povo Judeu, e em particular, de um lado, no Templo de Jerusalém e de outro na pessoa de Jesus Cristo e na Igreja*



**Yerushalaim:** A primeira separação entre os Judeus que haviam aderido ao Cristo e os outros se manifestou num primeiro momento no plano político e nacionalista, sobretudo quando os discípulos de Jesus se recusaram associar-se às revoltas contra Roma nos anos 70 e 135. O divórcio se estendeu ao plano teológico somente depois, ao longo das gerações seguintes.

E um dos principais pontos de ruptura foi, de um lado e de outro, a diferente compreensão do modo de Deus manifestar sua Presença no mundo de maneira sensível, audível e visível.

Para os cristãos, por causa de sua fé na Encarnação, esta Presença divina se manifestava doravante de modo exclusivo em Jesus Cristo, enquanto que para os Judeus ela se concentrava, sobretudo, no Templo.

As posições, assim, pareceram incompatíveis e irreduzíveis ao longo dos séculos.

O senhor quer nos ajudar a melhor compreender o ponto em questão, isto é, o da Presença divina (em hebraico: *Shekinah*) no mundo, na história, no Povo de Israel, no Templo de Jerusalém de um lado, e na pessoa de Jesus Cristo e na Igreja, do outro lado?!

**Pierre Lenhardt:** Para os Judeus, sem dúvida, a Presença divina no mundo, que de fato podemos designar pelo nome hebreu de *Shekinah*, se concentrava sobretudo no Templo de Jerusalém.

Mas esta residência da *Shekinah* não esgotava a possibilidade de outras “manifestações” visíveis ou invisíveis da mesma *Shekinah*: Deus permanece presente no mundo que criou e pode-se afirmar com a Tradição de Israel, que nenhum lugar neste mundo “esta vazio de sua *Shekinah*”.

A *Shekinah* também se revelou na história da salvação confiada a Israel: por exemplo no arbusto ardente (Exodo 3), na noite da Passagem, da Páscoa do Senhor no Egito (Exodo 12), na travessia do Mar Vermelho (Exodo 14-15), no dom da Tora no Sinai (Exodo 24).

A *Shekinah* estará para sempre ligada a Jerusalém e ao Templo como lugares nos quais se comuni

cam céu e terra. A destruição do segundo Templo, no ano 70 de nossa era, nada muda a esta

Tradição, que continua sendo ensinada por Israel em sua Liturgia.

**Yerushalaim :** Esta mesma Tradição de Israel considera, também, que a *Shekinah* reconhecida no Templo era uma presença especial, real, que não se confundia com a presença de Deus em outros lugares e por outras modalidades. O pensamento judaico afirma, a respeito disto, que o lugar da *Shekinah* é “no mais alto dos céus”, proclamando seu caráter divino e sua origem transcendente. Em suas orações dirigidas ao Eterno, Salomão, construtor do Templo se pergunta: “*Será que Deus verdadeiramente poderia morar sobre a terra? Os próprios céus e os céus dos céus não podem te conter, muito menos esta Casa que te construí!*” (1Rs 8,27).

**Pierre Lenhardt:** Contudo esta *Shekinah* pode abaixar-se e descer ao nível da terra e da humanidade. Ela pode revestir a fragilidade, a vulnerabilidade, o sofrimento dos homens, mas em todos estes abaixamentos e em todas estas manifestações ela permanece aquela que, para o crente, revela o Deus Transcendente e Uno, por meio de suas múltiplas manifestações.

O comentário rabínico da Mekilta de Rabbi Ishmael põe isto na boca do Eterno: “*Eu estou no Egito, Eu estou no mar, Eu estou no Sinai, Eu estou no passado. Eu estou neste mundo, Eu estou no mundo futuro..*”

Fica então claro que se há Cristãos que compreenderam e afirmaram desde a origem (e continuam afirmando quem sabe) que a vinda de Jesus Cristo, o Emanuel de Isaías (7,14) e do Evangelho de S. Mateus (1,23) esvazia todo o valor do Templo e dos sacrifícios, cria-se um enorme vazio que nenhum diálogo podera preencher.

Deve-se reconhecer que esta posição “aboliconista” de certos Cristãos foi e é ainda

fortemente estabelecida e representada. Deve-se, portanto, lutar contra ela na linha da renovação que foi aberta pelo Concílio Vaticano II. Mas é preciso, também e sobretudo, agir positivamente fazendo-se conhecer a riqueza da Tradição de Israel e mostrando-se o quanto seus ensinamentos sobre a *Shekinah* são, do ponto de vista cristão, coerentes com o dogma da Encarnação.

**Yerushalaim :** Afirmando que o povo Judeu é decaído e rejeitado por Deus, um certo cristianismo pura e simplesmente negou que a *Shekinah* possa residir entre os herdeiros da Primeira Aliança, sendo que mesmo esta foi considerada abolida. De seu lado os Judeus viram na afirmação cristã da Presença de Deus em Jesus, na Igreja, nos Sacramentos, um desvio idólatra inadmissível.

Pode-se sair desta mútua exclusão e preencher o vazio citado pelo senhor?

**Pierre Lenhardt :** A exclusão do lado cristão deve desaparecer, pois não há nada no ensinamento da Tradição de Israel sobre a *Shekinah* e sobre o Templo que não possa ser recebido na fé e na vida cristãs.

Para isto, certamente, deve-se aceitar o ensino claramente proposto pela Igreja Católica segundo o qual a Antiga Aliança nunca foi revogada. As consequências desta afirmação devem ser tiradas em todos os campos, particularmente no ensino a ser apresentado aos cristãos sobre o valor sempre atual na economia cristã das afirmações judaicas sobre a *Shekinah* no mundo, no Templo de Jerusalém, no Povo de Israel, em sua história...

**Yerushalaim:** Contudo não se pode perceber uma dificuldade decorrente da diferença de culturas em que se expressaram as mensagens de Israel e da Igreja: cultura semítica de um lado e de outro a cultura helenista?

**Pierre Lenhardt:** Seguramente esta dificuldade existe, mas ela não é tão grande quanto se deixa entender algumas vezes, porque a Igreja e seus teólogos nunca se distanciaram do Novo Testamento e de seu substrato bíblico e semita a ponto de se ligar fundamentalmente ao helenismo.

Por exemplo, quando se lê S. João Crisóstomo sobre a “incompreensibilidade” de Deus se pode perceber o quanto a experiência cristã soube retomar a experiência paradoxal, bíblica e judaica, do Deus transcendente e desconhecido, que no entanto quer se fazer conhecer e se deixa encontrar em sua Presença “*Shekinah*” imanente ao mundo. Pode-se

lamentar que S. João Crisóstomo, não somente não tenha mostrado reconhecimento aos judeus pelas riquezas que ele lhes devia, mas até mesmo que se tenha virado contra eles, acusando-os. Quanto a Henri De Lubac deve-se lamentar seu silêncio sobre a Tradição de Israel. Que alegria e que força ele teria recebido se a tivesse reconhecido!

**Yerushalaim:** Assim devemos retornar às fontes bíblicas e à Tradição de Israel para re-encontrar o sentido e a riqueza das “manifestações” de Deus no mundo. Qual proveito a teologia e a vida cristãs podem tirar deste retorno às fontes?

**Pierre Lenhardt:** Vou retomar a palavra “manifestação” que o senhor acaba de usar. A Tradição de Israel, de fato, conhece a “manifestação da *Shekinah*” (*guillur Shekinah*). Como eu já afirmei, ela é recordada na liturgia que ela mesma cria. Porém, antes consideremos que a *Shekinah* “sustenta” o mundo criado, sem com isto se revelar visivelmente nele. Já vimos que neste mundo “nenhum lugar” é vazio da “*Shekinah*”, mesmo que ela não seja visível. Será a função de Israel e da Igreja testemunhar esta presença invisível do Deus Criador em sua criação.

Israel e a Igreja ensinam que a criação é continuada, renovada a cada momento por Deus, que não abandona este mundo. Este testemunho é apoiado numa série de “manifestações” visíveis da *Shekinah*-Presença invisível, de que Israel faz memória, e que já citei há pouco.

Eu gostaria agora de sublinhar o caráter paradoxal destas “manifestações”. O próprio Deus é quem cria o paradoxo decidindo habitar em sua criação. Ele se torna presente ao mundo, habitando no mundo por um ato de “habitar”, porque em hebraico *SheKiNah* é o substantivo da mesma raiz que *ShaKaN* que quer dizer “habitar, morar”. Portanto é a palavra *SheKiNah* que expressa a Presença resultante do “ato de morar, residir, habitar”. Ela é, portanto, uma Presença ativa, viva, que anima, irradia, e até mesmo transfigura o lugar onde “ela habita”.

Assim é que a sarça ardente arde, queima, sem se consumir; que a *Shekinah* se manifesta no Mar Vermelho como um guerreiro, no Sinai como um ancião misericordioso, sempre com uma aparência que não se pode reduzir a uma mera imanência, de tal modo que é percebida como a revelação do Deus transcendente, do Deus de Israel, Uno e Unico.

O contexto de mistério que cerca Jesus no Evangelho de S. João, as narrativas de Transfiguração de Jesus nos sinóticos e na 2ª. Carta de Pedro (1, 16.18) correspondem a esta mesma realidade de uma imanência que indica a Transcendência.

**Yerushalaim:** Deve-se então dizer que Jesus é uma “manifestação da *Shekinah*”? Como pode ele ser reconhecido deste modo?

**Pierre Lenhardt:** Seguramente, estou persuadido que Jesus Cristo tal como o apresenta o Novo Testamento é uma “manifestação da *Shekinah*”. Deve-se mesmo ir além e afirmar que ele é a manifestação por excelência da *Shekinah*, e, finalmente que ele é na sua Pessoa, a *Shekinah*. Em sua Pessoa são cumpridas, isto é, confirmadas e valorizadas todas as manifestações da *Shekinah* de que a Tradição de Israel faz memória, enquanto esta aguardando o retorno da *Shekinah* para Sion, para o Templo de Jerusalém reconstruído...

Deve-se aqui precisar dois pontos:

O primeiro é que ver em Jesus Cristo uma manifestação da *Shekinah* é reconhecer que “ele é de condição divina” (Fil 1,6); que Deus se agradou em “fazer habitar” nele toda a Plenitude (Cl 1,19); é aceitar o dogma da Encarnação específico do Cristianismo se comparado ao Judaísmo fariseu. E é também proclamar com o Credo de Nicéia-Constantinopla que Jesus Cristo “é gerado, não criado”, “Verdadeiro Deus nascido do Deus verdadeiro”.

O segundo ponto a ser precisado é que a radicalização cristã do ensinamento judaico sobre a *Shekinah* não poderia, de modo algum, diminuir este ensinamento, desvalorizá-lo nem entendê-lo como caduco. Esta visão positiva deveria emergir da leitura da Escritura e da escuta da Tradição de Israel e da Igreja, com a condição que estas leituras e escutas sejam feitas no Espírito Santo, sem o qual ninguém pode dizer que “Jesus é Senhor” (1Cor 12,3).

**Yerushalaim:** O senhor afirma que a Escritura, Antigo e Novo Testamentos, do mesmo modo que a Tradição lidas e escutadas com atenção ensinam que Jesus é a *Shekinah*; o senhor poderia apoiar esta afirmação com alguns exemplos?!

**Pierre Lenhardt:** O senhor tem razão em falar de apoio e não de provas. Não darei provas, mas somente algumas indicações a partir dos evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João, para ir do menos claro ao mais claro.

Primeiro, no texto de Marcos, desde o batismo de Jesus, há uma ligação entre a descida do Espírito como uma pomba e a audição da Voz celeste que proclama que Jesus é o Filho bem amado (Mc 1,9-11); desde o início de sua ação pública Jesus ensina com autoridade, partindo do Poder divino (*guevurah*), que o “tempo se cumpriu”. Ele é o “Santo de Deus”

que pelo poder de Deus expulsa o espírito impuro de um possesso (Mc 1,15, 22-27). Ora o Espírito, segundo a Tradição dos fariseus, é inseparável da *Shekinah*. O Espírito é quem torna possível o reconhecimento da *Shekinah* e torna sua ação eficaz. Pode-se perceber que este evangelho vai apontando Jesus como *Shekinah*.

O Evangelho de Lucas dá as mesmas indicações, insistindo ainda mais sobre a função do Espírito Santo. Nas narrativas referentes à infância de Jesus este evangelho apresenta o enraizamento da humanidade judaica de Jesus em sua relação com o Templo, nos sacrifícios prescritos pela Lei (Torah) de Moisés e do Senhor (Lc 2, 22-24), na festa da Páscoa (Lc 2,41), na festa de peregrinação, no encontro com a *Shekinah*, com Deus presente no Templo, encontro que se torna possível por uma efusão do Espírito Santo.

O Evangelho de Mateus, por ser judeu-cristão é mais explícito ainda, e indica mais explicitamente ainda na direção da *Shekinah*: Jesus se aplica as fórmulas usadas para a *Shekinah* que reside no meio “de dois ou três reunidos em nome do Senhor” (Mt 18,20), que é “como a galinha que reúne seus pintinhos debaixo de suas asas” (Mt 23, 37), que sofre com os infelizes (Mt 25, 41-46).

E no Evangelho de João, enfim, Jesus é aquele que “habitou” no meio dos homens, aquele em quem se contempla a Glória que lhe vem de Deus (Jo 1,14), aquele que manifesta sua glória e em quem se crê (Jo 2,11).

**Yerushalaim:** Pode-se fazer incidentalmente a observação que no Prólogo de seu Evangelho, que nos chegou em grego, João judeu emprega o verbo grego “habitar” para significar, como o senhor acaba de lembrar, que Jesus viveu entre os homens. Percebe-se que aqui João pensa em hebraico no verbo “*shakan*”, e portanto na *Shekinah* que, para ele, manifesta Jesus...

O apóstolo Paulo também usa o verbo “habitar” para afirmar a divindade de Jesus Cristo, em sua carta aos Colossenses (2,9).

Mas como podemos perceber que Jesus Cristo em sua Pessoa, de modo radicalmente novo, é a *Shekinah*?

**Pierre Lenhardt:** De fato aqui há uma novidade radical ao se afirmar que a *Shekinah* é uma Pessoa, a Pessoa do Filho em relação a Deus, com o Pai que ele faz conhecer (Jo. 1,18).

Porque na época de Jesus, e até à Idade Média, a *Shekinah* não é personificada. Ela não o é em relação a Deus; ela não é outra coisa senão Deus presente no mundo e especialmente em Israel, no Templo.

E é precisamente em relação ao Templo que Jesus se situa como *Shekinah* personalizada de maneira tão radical que certos Judeus vêem nisto uma blasfêmia, e que certos Cristãos concluem sobre a abolição do valor do Templo.

**Yerushalaim:** Eis aqui dois pontos que mereceriam alguns esclarecimentos... Nos Livros Sapienciais a Sabedoria é descrita como Personificação do Poder e da Presença de Deus na criação e no Templo. Um Judeu pode ver nisto uma blasfêmia?

**Pierre Lenhardt:** Quanto ao primeiro ponto, se Jesus se apresenta como “maior que o Templo” (Mt 12,6), esta falando de seu corpo como um santuário que simboliza a Casa de seu Pai, isto é, o Templo (Jo 2, 16-21); ele é acusado de se fazer igual a Deus (Jo 5,18) ou até mesmo de se fazer Deus (Jo 10,33).

No entanto para um Cristão, o que Jesus diz de si mesmo em nada tira o valor do Templo; com efeito é claro que a *Shekinah* é maior do que o lugar onde ela reside. De outro lado, o corpo de Jesus é, na verdade, o lugar onde reside sua Pessoa. Este corpo para Jesus e para o Cristão é, como o Templo, o Santuário onde reside a *Shekinah*.

Para um Judeu que não recebeu o dom da fé na Encarnação, é blasfematório afirmar que Jesus é *Deus, verdadeiro Deus nascido do Deus verdadeiro*.

Quanto ao segundo ponto, infelizmente é notório que os Cristãos, em sua maioria tendo vindo da gentilidade, pensaram de modo majoritário que a vinda de Jesus Cristo esvaziava o Judaísmo de todo valor religioso, e com isto esvaziava a existência judaica e o Templo; seu desaparecimento era a prova da verdade do Cristianismo.

Como já afirmei, esta mentalidade “abolucionista” se mantém ainda em numerosos cristãos, mesmo exegetas e teólogos. A mensagem do Concílio Vaticano II, segundo a qual a Antiga Aliança

nunca foi revogada, está ainda longe de ser recebida e aplicada com todas suas consequências.

**Yerushalaim:** O que fazer então, para que a teologia se renove e que a cristologia tradicional centrada no dogma da Encarnação se confirme no contacto com as fontes bíblicas e judaicas da fé e da vida cristãs?

**Pierre Lenhardt:** Deve-se retornar a estas fontes por um estudo e um ensino que seja tão intenso quanto possível, à imagem do Talmud Torah dos Judeus, do estudo-ensinamento da Palavra de Deus.

Existem em Jerusalém, e fora de Israel centros de estudo onde Cristãos podem reforçar, num contato com Judeus seu conhecimento e seu Amor a Deus e à sua Palavra.

Deve-se investir nos estudos judaicos se se quer que a fé cristã se aprofunde e que o testemunho cristão seja mais alegre, mais luminoso, mais digno de credibilidade.

**Entrevista feita por J. Putois, 4 de abril de 2001.**

**Tradução para o português: pe. Ilario**

**Para aprofundar : dois artigos de Pierre Lenhardt:**

« La Tradition d’Israël sur la Présence divine (Shekinah) dans le Temple et dans le monde éclaire la foi chrétienne en l’Incarnation », *Cahiers Ratisbonne n° 3, p. 126-175.*

« Talmud Torah des juifs et Etudes juives des Chrétiens », in. P. Lenhardt, *A l’écoute d’Israël, en Eglise, Parole et Silence, Paris, 2006, p. 11-28.*

---

1. Esta entrevista foi publicada pela revista Yerushalaim n° 25, abril-maio de 2001, pp. 30-34. Agradecemos a Revista por nos ter autorizado a republicá-la.

Boletim Informativo dos Religiosos de Sion de Paris

68 bis rue Notre-Dame des Champs – 75006 – Paris – Tel: 00 33 1 40 46 08 57

[www.sion-paris.org](http://www.sion-paris.org) – Courriel: [informa\\_sion\\_paris@yahoo.fr](mailto:informa_sion_paris@yahoo.fr)